

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

5



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

5



Américo Junior Nunes da Silva
(Organizador)

Editora Chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Assistentes Editoriais

Natalia Oliveira

Bruno Oliveira

Flávia Roberta Barão

Bibliotecário

Maurício Amormino Júnior

Projeto Gráfico e Diagramação

Natália Sandrini de Azevedo

Camila Alves de Cremona

Karine de Lima Wisniewski

Luiza Alves Batista

Maria Alice Pinheiro

Imagens da Capa

Shutterstock

Edição de Arte

Luiza Alves Batista

Revisão

Os Autores

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena

Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena

Editora pelos autores.



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

A Atena Editora não se responsabiliza por eventuais mudanças ocorridas nos endereços convencionais ou eletrônicos citados nesta obra.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília

Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Profª Drª Carla Cristina Bauermann Brasil – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Prof. Dr. Cleberton Correia Santos – Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Jael Soares Batista – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Débora Luana Ribeiro Pessoa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Douglas Siqueira de Almeida Chaves -Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Profª Drª Eysler Gonçalves Maia Brasil – Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Gabriela Vieira do Amaral – Universidade de Vassouras
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Helio Franklin Rodrigues de Almeida – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Iara Lúcia Tescarollo – Universidade São Francisco
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Jefferson Thiago Souza – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Jesus Rodrigues Lemos – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Jônatas de França Barros – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Luís Paulo Souza e Souza – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcus Fernando da Silva Praxedes – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Maria Tatiane Gonçalves Sá – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Dr. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Profª Drª Regiane Luz Carvalho – Centro Universitário das Faculdades Associadas de Ensino
Profª Drª Renata Mendes de Freitas – Universidade Federal de Juiz de Fora
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Douglas Gonçalves da Silva – Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Érica de Melo Azevedo – Instituto Federal do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Profª Dra. Jéssica Verger Nardeli – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande

Profª Drª Luciana do Nascimento Mendes – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Priscila Tessmer Scaglioni – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Linguística, Letras e Artes

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro
Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia

Conselho Técnico Científico

Prof. Me. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Me. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Me. Adalto Moreira Braz – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Dr. Adilson Tadeu Basquerote Silva – Universidade para o Desenvolvimento do Alto Vale do Itajaí
Prof. Me. Alexsandro Teixeira Ribeiro – Centro Universitário Internacional
Prof. Me. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Ma. Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Drª Andrezza Miguel da Silva – Faculdade da Amazônia
Profª Ma. Anelisa Mota Gregoleti – Universidade Estadual de Maringá
Profª Ma. Anne Karynne da Silva Barbosa – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Antonio Hot Pereira de Faria – Polícia Militar de Minas Gerais
Prof. Me. Armando Dias Duarte – Universidade Federal de Pernambuco
Profª Ma. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Profª Ma. Carolina Shimomura Nanya – Universidade Federal de São Carlos
Prof. Me. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Ma. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Profª Drª Cláudia Taís Siqueira Cagliari – Centro Universitário Dinâmica das Cataratas
Prof. Me. Clécio Danilo Dias da Silva – Universidade Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Me. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Ma. Daniela da Silva Rodrigues – Universidade de Brasília

Profª Ma. Daniela Remião de Macedo – Universidade de Lisboa
Profª Ma. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco
Prof. Me. Douglas Santos Mezacas – Universidade Estadual de Goiás
Prof. Me. Edevaldo de Castro Monteiro – Embrapa Agrobiologia
Prof. Me. Eduardo Gomes de Oliveira – Faculdades Unificadas Doctum de Cataguases
Prof. Me. Eduardo Henrique Ferreira – Faculdade Pitágoras de Londrina
Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Me. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Me. Ernane Rosa Martins – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
Prof. Me. Euvaldo de Sousa Costa Junior – Prefeitura Municipal de São João do Piauí
Profª Ma. Fabiana Coelho Couto Rocha Corrêa – Centro Universitário Estácio Juiz de Fora
Prof. Dr. Fabiano Lemos Pereira – Prefeitura Municipal de Macaé
Prof. Me. Felipe da Costa Negrão – Universidade Federal do Amazonas
Profª Drª Germana Ponce de Leon Ramírez – Centro Universitário Adventista de São Paulo
Prof. Me. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Me. Givanildo de Oliveira Santos – Secretaria da Educação de Goiás
Prof. Dr. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof. Me. Gustavo Krahl – Universidade do Oeste de Santa Catarina
Prof. Me. Helton Rangel Coutinho Junior – Tribunal de Justiça do Estado do Rio de Janeiro
Profª Ma. Isabelle Cerqueira Sousa – Universidade de Fortaleza
Profª Ma. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Me. Javier Antonio Albornoz – University of Miami and Miami Dade College
Prof. Me. Jhonatan da Silva Lima – Universidade Federal do Pará
Prof. Dr. José Carlos da Silva Mendes – Instituto de Psicologia Cognitiva, Desenvolvimento Humano e Social
Prof. Me. Jose Elyton Batista dos Santos – Universidade Federal de Sergipe
Prof. Me. José Luiz Leonardo de Araujo Pimenta – Instituto Nacional de Investigación Agropecuaria Uruguay
Prof. Me. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Profª Drª Juliana Santana de Curcio – Universidade Federal de Goiás
Profª Ma. Juliana Thaisa Rodrigues Pacheco – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Kamilly Souza do Vale – Núcleo de Pesquisas Fenomenológicas/UFPA
Prof. Dr. Kárpio Márcio de Siqueira – Universidade do Estado da Bahia
Profª Drª Karina de Araújo Dias – Prefeitura Municipal de Florianópolis
Prof. Dr. Lázaro Castro Silva Nascimento – Laboratório de Fenomenologia & Subjetividade/UFPR
Prof. Me. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Ma. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Profª Ma. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Profª Drª Livia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Lucio Marques Vieira Souza – Secretaria de Estado da Educação, do Esporte e da Cultura de Sergipe
Prof. Me. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Dr. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual do Paraná
Prof. Dr. Michel da Costa – Universidade Metropolitana de Santos
Prof. Dr. Marcelo Máximo Purificação – Fundação Integrada Municipal de Ensino Superior

Prof. Me. Marcos Aurelio Alves e Silva – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo

Profª Ma. Maria Elanny Damasceno Silva – Universidade Federal do Ceará

Profª Ma. Marileila Marques Toledo – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri

Prof. Me. Ricardo Sérgio da Silva – Universidade Federal de Pernambuco

Profª Ma. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal

Prof. Me. Robson Lucas Soares da Silva – Universidade Federal da Paraíba

Prof. Me. Sebastião André Barbosa Junior – Universidade Federal Rural de Pernambuco

Profª Ma. Silene Ribeiro Miranda Barbosa – Consultoria Brasileira de Ensino, Pesquisa e Extensão

Profª Ma. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo

Prof. Me. Tallys Newton Fernandes de Matos – Faculdade Regional Jaguaribana

Profª Ma. Thatianny Jasmine Castro Martins de Carvalho – Universidade Federal do Piauí

Prof. Me. Tiago Silvio Dedoné – Colégio ECEL Positivo

Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira
Bibliotecário Maurício Amormino Júnior
Diagramação: Camila Alves de Cremona
Correção: Vanessa Mottin de Oliveira Batista
Edição de Arte: Luiza Alves Batista
Revisão: Os Autores
Organizador: Américo Junior Nunes da Silva

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

E24 Educação [recurso eletrônico] : agregando, incluindo e almejando oportunidades 5 / Organizador Américo Junior Nunes da Silva. – Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia.

ISBN 978-65-5706-416-0

DOI 10.22533/at.ed.160202109

1. Educação – Pesquisa – Brasil. I. Silva, Américo Junior Nunes da.

CDD 370

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora

Ponta Grossa – Paraná – Brasil

Telefone: +55 (42) 3323-5493

www.atenaeditora.com.br

contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Importante contar ao leitor, antes de apresentar com mais detalhe as características desta obra, o contexto em que ela se insere, marcando bem o lugar histórico que a circunscreve.

Fomos surpreendidos, em 2020, por uma pandemia: a do novo coronavírus. O distanciamento social, reconhecida como a mais eficaz medida para barrar o avanço do contágio, fizeram as escolas e universidades suspenderem as suas atividades presenciais e pensarem em outras estratégias que aproximassem estudantes e professores. E é nesse lugar de distanciamento social, permeado por angustias e incertezas típicas do contexto pandêmico, que os professores pesquisadores e os demais autores reúnem os seus escritos para a organização deste volume.

Como evidenciou Daniel Cara em uma fala a mesa “*Educação: desafios do nosso tempo*” no Congresso Virtual UFBA, em maio de 2020, o contexto pandêmico tem sido uma “tempestade perfeita” para alimentar uma crise que já existia. A baixa aprendizagem dos estudantes, a desvalorização docente, as péssimas condições das escolas brasileiras, os inúmeros ataques a Educação, Ciências e Tecnologias, são alguns dos pontos que caracterizam essa crise. A pandemia, ainda segundo ele, só escancara o quanto a Educação no Brasil é uma reprodutora de desigualdades. Portanto, as discussões empreendidas neste volume de “***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***”, por terem a Educação como foco, como o próprio título sugere, torna-se um espaço oportuno de discussão e (re)pensar do campo educacional, assim como também da prática docente.

Este livro, ***Educação: Agregando, Incluindo e Almejando Oportunidades***, reúne um conjunto de textos, originados de autores de diferentes estados brasileiros e países, e que tem na Educação sua temática central, perpassando por questões de gestão escolar, inclusão, gênero, tecnologias, sexualidade, ensino e aprendizagem, formação de professores, profissionalismo e profissionalidade, ludicidade, educação para a cidadania, entre outros. Os autores que constroem essa obra são estudantes, professores pesquisadores, especialistas, mestres ou doutores e que, muitos, partindo de sua práxis, buscam novos olhares a problemáticas cotidianas que os mobilizam. Esse movimento de socializar uma pesquisa ou experiência cria um movimento pendular que, pela mobilização dos autores e discussões por eles empreendidas, mobilizam-se também os leitores e os incentiva a reinventarem os seus fazeres pedagógicos. Nessa direção, portanto, desejamos a todos e a todas uma produtiva e lúdica leitura!

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

A TEMÁTICA INDÍGENA NA ESCOLA: A CULTURA DO ESTEREÓTIPO - UMA TRISTE REALIDADE

Guilherme Augusto Martins da Silva

DOI 10.22533/at.ed.1602021091

CAPÍTULO 2..... 7

UTILIZAÇÃO DE METODOLOGIAS ATIVAS NA MONITORIA ACADÊMICA DE SAÚDE DA MULHER NA GRADUAÇÃO DE ENFERMAGEM

Amanda Alcantara de Sousa

Maria Kleyssiane de Melo Alexandre

Brenda Belém Luna Sampaio

Cinthia Gondim Pereira Calou

Dayanne Rakelly de Oliveira

Glauberto da Silva Quirino

Maria de Fátima Esmeraldo Ramos Figueiredo

Rachel de Sá Barreto Luna Callou Cruz

DOI 10.22533/at.ed.1602021092

CAPÍTULO 3..... 16

AFETIVIDADE E ACOLHIMENTO COMO FERRAMENTAS NA CONSOLIDAÇÃO DA APRENDIZAGEM: UM CASO EM UMA FACULDADE PARTICULAR NA CIDADE DE NATAL/RN

Ary Luiz de Oliveira Peter Filho

DOI 10.22533/at.ed.1602021093

CAPÍTULO 4..... 31

JOGOS COMO POTENCIALIZADORES DO ENSINO DA MATEMÁTICA NAS SALAS DE ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO E NAS SALAS DE AULA COMUM

Ana Paula Xavier

Gabriel Pigozzo Tanus Cherp Martins

DOI 10.22533/at.ed.1602021094

CAPÍTULO 5..... 37

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE SUAS ESCOLAS? ESTUDO EXPLORATÓRIO COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE PONTA GROSSA

Gisele Brandelero Camargo

DOI 10.22533/at.ed.1602021095

CAPÍTULO 6..... 52

POSSÍVEIS EFEITOS DA DIMINUIÇÃO DO ESTUDO EM PEÇAS NATURAIS AOS ALUNOS DO ENSINO EM SAÚDE

Pedro Henrique Teixeira dos Santos

Ellen Maria de Matos

David Marlon Vieira Santos
Luana Guimarães da Silva
Luciana Mara da Costa Moreira
Ubiratan Contreira Padilha
DOI 10.22533/at.ed.1602021096

CAPÍTULO 7..... 61

A PEDAGOGIA VISUAL AUXILIANDO O TRABALHO DE CONSTRUÇÃO DE CONCEITOS MATEMÁTICOS PARA ALUNOS SURDOS NA CONDIÇÃO DO ESPECTRO AUTISTA

Ana Paula Xavier
Flávia Cristina dos Reis Abud Fonseca

DOI 10.22533/at.ed.1602021097

CAPÍTULO 8..... 65

ECOLOGIA E CUIDADO NA 'LOUVADO SEJAS' E NO PENSAMENTO DE AMARTYA SEN: PROPOSIÇÕES PARA UMA ÉTICA RESPONSÁVEL E UM MODELO DE DESENVOLVIMENTO LIVRE E SUSTENTÁVEL

Lino Rampazzo
José Marcos Miné Vanzella

DOI 10.22533/at.ed.1602021098

CAPÍTULO 9..... 84

FUNCIONAMENTO E ORGANIZAÇÃO DA SALA DE RECURSOS MULTIFUNCIONAIS: UM ESTUDO DE CASO NO MUNICÍPIO DE ÁGUA BRANCA-AL

Jessica Lima Feitoza
Noélia Rodrigues dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.1602021099

CAPÍTULO 10..... 96

EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS: A IMPORTÂNCIA DO PLANO NACIONAL EM DIREITOS HUMANOS PARA CONSOLIDAÇÃO DA DEMOCRACIA

Tereza Cristina Rodrigues de Lima Bastos
Chrystian Tomaz de Mesquita Silva
Elizabeth Rodrigues de Souza

DOI 10.22533/at.ed.16020210910

CAPÍTULO 11..... 102

A GEOMETRIA COM ORIGAMI: UM MATERIAL DE APOIO PARA O PROFESSOR

Anita Lima Pimenta
Eliane Scheid Gazire

DOI 10.22533/at.ed.16020210911

CAPÍTULO 12.....110

DESENHO DE UM PROGRAMA DIDÁTICO DE DESENVOLVIMENTO DA COMPETÊNCIA COMUNICATIVA ORAL (CCO): UMA VISÃO SOCIOCULTURAL

DA LINGUAGEM

Carla Cristina Fernandes Monteiro
Fernanda Leopoldina Parente Viana
João Manuel Pires da Silva e Almeida Veloso

DOI 10.22533/at.ed.16020210912

CAPÍTULO 13..... 126

SOFRIMENTO PSÍQUICO NO ENSINO SUPERIOR: ENLACES DO CONTEMPORÂNEO COM A EDUCAÇÃO

Yasmim Bezerra Furtado de Pinho
Thaís Félix Cruz
Artur Gevázio Lira da Silva
Adryssa Bringel Dutra
Mariana Gonçalves Farias

DOI 10.22533/at.ed.16020210913

CAPÍTULO 14..... 136

O SUICÍDIO NO CONTEXTO ESCOLAR: O COMPLEXO E EMERGENTE FENÔMENO ATRAVÉS DO BULLYING E DOS DESDOBRAMENTOS DO JOGO VIRTUAL BALEIA AZUL

Fábia de Oliveira Rodrigues Maruco
Lino Rampazzo

DOI 10.22533/at.ed.16020210914

CAPÍTULO 15..... 152

A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PEDAGOGO PARA O ENSINO DE CIÊNCIAS NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Hellen Lourdes Ramos Marques
Gislânya Santos Teixeira
Rosemeire da Silva Dantas Oliveira

DOI 10.22533/at.ed.16020210915

CAPÍTULO 16..... 160

A BAIXA TECNOLOGIA ASSISTIVA A SERVIÇO DA DEFICIÊNCIA INTELECTUAL NO ATENDIMENTO EDUCACIONAL ESPECIALIZADO

Luciana de Jesus Botelho Sodré dos Santos

DOI 10.22533/at.ed.16020210916

CAPÍTULO 17..... 175

EMPRESARIALISMO & GERENCIALISMO NA EDUCAÇÃO PÚBLICA DE MACEIÓ: UMA ANÁLISE DO DISCURSO

Adelson Gomes da Silva
Elione Maria Nogueira Diógenes

DOI 10.22533/at.ed.16020210917

CAPÍTULO 18..... 184

O SISTEMA DE AVALIAÇÃO DA EDUCAÇÃO BÁSICA NO BRASIL E SEU OLHAR

DIRECIONADO PARA O MERCADO
Maria das Graças Correia Gomes
Wellyngton Chaves Monteiro da Silva
DOI 10.22533/at.ed.16020210918

CAPÍTULO 19..... 192

SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS PARA EDUCAÇÃO JURÍDICA NO ENSINO MÉDIO INTEGRADO
Camila Bernardino de Oliveira Lamas
Marcos Pavani de Carvalho
DOI 10.22533/at.ed.16020210919

CAPÍTULO 20..... 200

A TRANSFORMAÇÃO DIGITAL NO ENSINO SUPERIOR: OBRIGAÇÃO? OPÇÃO? OPORTUNIDADE?
Antônio Augusto Baptista Rodrigues
DOI 10.22533/at.ed.16020210920

CAPÍTULO 21..... 209

TEORIA E PRÁTICA DE UMA AÇÃO EDUCATIVA EM CONVERGÊNCIA COM A TEORIA DO MODELO BIOECOLÓGICO
Carla Josiane dos Santos Costa
Hélio Ferreira Orrico
Edicléa Mascarenhas Fernandes
DOI 10.22533/at.ed.16020210921

SOBRE O ORGANIZADOR..... 221

ÍNDICE REMISSIVO..... 222

CAPÍTULO 5

O QUE DIZEM AS CRIANÇAS SOBRE SUAS ESCOLAS? ESTUDO EXPLORATÓRIO COM CRIANÇAS DA EDUCAÇÃO INFANTIL DE PONTA GROSSA

Data de aceite: 01/09/2020

Gisele Brandelero Camargo

<http://lattes.cnpq.br/0431876257906961>
UEPG

RESUMO: O texto¹ revela uma síntese da pesquisa: Práticas pedagógicas, o tempo e os espaços de Educação Infantil: o que dizem as crianças?, desenvolvida de 2016 a 2018, em quatro Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) de Ponta Grossa – PR. A pesquisa foi motivada pela seguinte questão: O que as crianças falam sobre as práticas pedagógicas, organização do tempo e espaços de sua escola? Com cunho exploratório e o interesse na aproximação com as crianças, optou-se em desenvolver pesquisa com crianças, atribuindo a elas a função de co produção de dados para análise. Subsidiada pelos estudos que a Sociologia da Infância oferece, afirma-se nessa investigação, que a criança é um sujeito social competente para ler e interpretar o universo em que vive. Os dados foram produzidos, juntamente com as crianças, por meio de gravações de vídeos e áudios, observações com registros em diário de bordo e visitas monitoradas. A análise dos dados foi organizada por três grupos de análise: a) pesquisadora conduz; b) professora conduz e c) criança conduz. Em cada uma dessas categorias, buscamos identificar características da prática pedagógica, do tempo e espaço das escolas. A análise dos dados

¹ Esse texto foi adaptado do artigo apresentado no IV Simpósio Luso Brasileiro de estudos das Crianças, ocorrido em Goiânia – GO em 2019.

revelaram elementos importantes para pensar concepção sobre a criança no universo adulto e um movimento necessário e urgente de validação das falas das crianças no espaço escolar.

PALAVRAS-CHAVE: Fala das crianças, Prática pedagógica, tempo e espaço, Educação Infantil.

ABSTRACT: The text reveals a synthesis of the research: Pedagogical practices, time and spaces for Early Childhood Education: what do children say ?, developed between 2016 and 2018, in four Municipal Centers for Early Childhood Education (CMEI) in Ponta Grossa - PR. The research was motivated by the following question: What do the children say about the pedagogical practices, the organization of time and spaces in their school? With the exploratory research method and the interest in approaching children, it was decided to develop research with children, assigning them the function of co-production of data for analysis. Subsidized by the studies that Sociology of Childhood offers, it is stated in this investigation, that the child is a competent social subject to read and interpret the universe in which he lives. The data were produced, together with the children, through video recordings and audios, observations with logbook records and monitored visits. The data analysis was organized by three groups of analysis: a) researcher leads; b) teacher leads and c) child leads. In each of these categories, we seek to identify characteristics of the pedagogical practice, the time and space of the schools. The analysis of the data revealed important elements to think about the child in the adult universe and a necessary and urgent

movement to validate the children's statements in the school space.

KEYWORDS: Children's speech, Pedagogical practice, time and space, Child education.

1 | INTRODUÇÃO

Este texto apresenta a síntese dos resultados da pesquisa intitulada: Práticas pedagógicas, o tempo e os espaços da escola de Educação Infantil: o que dizem as crianças? A iniciativa de investigar com crianças da Educação Infantil nasceu do recente contato que tivemos com os estudos da sociologia da infância em um grupo de pesquisa da Universidade Estadual de Ponta Grossa (GEPEEDI – UEPG²) concomitante às experiências como professoras da disciplina de estágio em docência na Educação Infantil, por ocasião do curso de formação de pedagogos – Licenciatura em Pedagogia – da UEPG. A investigação foi realizada por duas professoras do Departamento de Pedagogia da mesma universidade. Ambas participam do grupo de pesquisa GEPEEDI e atuam na esfera da supervisão e orientação de estágios de docência. É desse lugar que falamos!

Nossas motivações vêm da relação entre o aprendizado da prática pedagógica de futuros professores de crianças com os estudos da Infância. Percebemos a necessidade de re significar o que conhecemos da criança, considerando que o olhar ancorado exclusivamente na psicologia, adotado até então, precisa ser mesclado a outros, especialmente no que diz respeito à validar a ação social da criança como sujeito competente e criativo.

Conhecer alguns estudos realizados a partir da sociologia da infância permitiu construir significados, atribuir (novos) sentidos à formação de professores e oportunizou iniciar um processo de transformação interior e individual no que respeita a compreensão da escolarização da pequena infância. A partir desses estudos, na perspectiva da sociologia da infância, foi possível construir conceitos importantes e necessários para quem deseja realizar pesquisas com crianças, especialmente no contexto escolar. Nesse sentido, a sociologia da infância direcionou nosso olhar para o status que a infância assume na sociedade moderna, ou seja, a posição da criança na relação com seus pares e/ou com outras categorias geracionais. Além disso, nos fez perceber a necessidade de as outras categorias geracionais valorizarem a voz e as expressões das crianças e validarem suas experiências, para compreenderem suas (reais) necessidades, contribuindo com elas no acesso de outras culturas e ao acervo sócio cultural e histórico da humanidade. Partindo desses estudos, da mesma forma como Arenhart e Silva (2014, p. 62), nos questionamos: “Em que sentido a escola favorece e/ou limita o direito à infância e à construção das crianças

² GEPEEDI UEPG refere-se ao Grupo de Estudos, Pesquisa e Extensão em Educação Infantil da Universidade Estadual de Ponta Grossa. O grupo foi criado e registrado no CNPQ em 2016.

como atores sociais e culturais?”. Ou seja, fomos provocadas a refletir, acerca das concepções de ensino e dos procedimentos didático metodológicos presentes (e possíveis) na educação da pequena infância, especialmente nas escolas de Educação Infantil e na relação com os adultos.

Diante disso, nós, timidamente, nos atrevemos a fazer pesquisa com crianças! Fizemos isso, por desejar alargar nosso entendimento acerca da criança e suas infâncias no contexto educacional. Não sabíamos (e seremos sempre aprendizes) como percorrer o caminho da produção de dados com as crianças, como escolher os melhores métodos, como deveríamos nos portar diante delas, considerando que nossa presença poderia interferir nos resultados. E assim, apesar do planejamento inicial existente, os passos da pesquisa foram definidos enquanto caminhávamos.

A partir das experiências em nossas esferas de atuação profissional, elegemos a seguinte questão como propulsora desse estudo: O que as crianças falam sobre as práticas pedagógicas, organização do tempo e espaços de sua escola? Como a criança percebe e mensura essas questões?

A pesquisa de cunho exploratório foi pensada como uma possibilidade de aproximação com a realidade das crianças e o levantamento de categorias que pudessem ser aprofundadas posteriormente, em outros momentos de investigação. Neste sentido, essa pesquisa se configura como nossa primeira investigação, com o intuito de compreender como as crianças compreendem e significam os processos educativos vivenciados no ambiente da educação infantil, por meio das práticas pedagógicas, da organização dos tempos e espaços e das relações que estabelecem no interior da instituição educativa. Para isso, selecionamos, por amostragem aleatória, quatro Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs) da rede municipal de Ponta Grossa e produzimos os dados, juntamente com as crianças, através de gravações de vídeos e áudios, observações com registros em diário de bordo e visitas monitoradas³, no período de agosto a dezembro de 2016.

Os campos dessa pesquisa se resumiram em treze turmas, de quatro CMEIs diferentes, Sendo seis turmas de Infantil 3 (crianças de 2 e 3 anos de idade); três de Infantil 4 (3 e 4 anos); e quatro de Infantil 5 (4 e 5 anos).

A fim de respeitar o princípio de fidelidade assumido com o comitê nacional de ética em pesquisa e com todos os participantes da pesquisa, garantimos o anonimato dos campos e sujeitos da investigação, atribuindo a eles codinomes como números ou letras. Dessa forma, os quatro CMEIs, campos dessa pesquisa, foram denominados por números de 1 a 4. Para as turmas participantes, mantivemos o nome que recebem nas suas instituições. Por exemplo, se nas escolas são chamadas de Infantil 3 A, Infantil 4 B, Infantil 5 C, etc., são aqui da mesma forma identificadas. As crianças, sujeitos da pesquisa estão reveladas com as letras iniciais de seus nomes.

3 Esta metodologia foi utilizada a partir da proposta de Martins e Garanhani (2011).

Ao poucos, percebemos nossas limitações enquanto pesquisadoras e a fragilidade dos instrumentos de produção de dados que escolhemos. Por vezes, relutamos interiormente em apenas ouvir e ver a criança e, mesmo sem intenção de interferir, nos colocamos em evidência em alguns momentos da pesquisa. Por isso, ao categorizar os dados, estabelecemos três grupos de análise: a) pesquisadora conduz – quando nos colocamos no episódio⁴, estabelecendo algumas regras e evidenciando nossa presença; b) professora conduz – quando a professora regente da turma desenvolveu suas estratégias pedagógicas, atribuindo às crianças um papel mais passivo do que ativo; e c) criança conduz – quando as crianças organizaram o episódio, agiram livre e ativamente na escolha do que e como fazer, criaram regras e expressaram seus discursos sem a interferência dos adultos. Em cada uma dessas categorias, buscamos identificar características da prática pedagógica, do tempo e espaço das escolas. Assim, os episódios gravados em vídeo e/ou áudio foram alocados em um desses três grupos de análise, conforme a aproximação do seu conteúdo à descrição deles.

Aqui, buscamos sintetizar a análise dos dados produzidos e discorrer sobre um episódio de cada categoria de análise. Assim, o episódio intitulado: “Dinâmica das profissões” que compõe a categoria b) professora conduz, ocorrido na turma Infantil 3A do CMEI 2, o episódio “O parque” na categoria c) criança conduz do Infantil 5 A do CMEI 4 e o episódio “Vamos brincar de roda” pela categoria a) pesquisadora conduz, com o Infantil 4B do CMEI 3.

Considerando as especificidades da escola de Educação Infantil de Ponta Grossa, os Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), sua organização estrutural, pedagógica e humana, propusemos nessa pesquisa observar e ouvir a criança, reconhecendo em suas diferentes formas de expressão, seja pela fala, pela gestualidade, pelo desenho, pela escrita, entre outras, as marcas que elas percebem da escola em suas vidas.

Concordamos com James e Prout (2010, p. 8)⁵ quando dizem que a pesquisa com criança é um desafio constante ao pesquisador. Isso porque “As crianças são e devem ser vistas como sujeitos ativos na construção e determinação das suas próprias vidas sociais, as vidas ao seu redor e das sociedades em que vivem”. Ou seja, não são sujeitos passivos. Ao contrário, devem ser vistas como agentes ativos na construção de suas próprias culturas. Nós adultos pesquisadores precisamos desconstruir as posturas pautadas no adultocentrismo, que subordina a infância a patamares inferiores ou superiores ao nosso. Ou seja, a categoria Infância não deve ser considerada inferior, com sujeitos “devires”, inacabados ou menos importante que

4 Episódio é entendido aqui como o momento observado pelas pesquisadoras, um recorte do cotidiano escolar, referente ao período em que as pesquisadoras estiveram na escola, que foi gravado em vídeo ou áudio.

5 Tradução pela autora. Citação original é: “Children are and must be seen as active in the construction and determination of their own social lives, the lives of those around them and of the societies in which they live”.

os das outras categorias. Nessa direção, Prout (2010, p.737) afirma “Tanto crianças como adultos deveriam ser vistos através de uma multiplicidade de devires, nos quais todos são incompletos e dependentes”. Por esse viés, compreendemos que ao olhar as crianças devemos evidenciar o que são, o que sabem, o que criam, suas culturas e modos de convivências que possuem nesse momento, e não o que serão/saberão/farão quando estiverem na categoria adulta ou na velhice. Dessa forma, reconhecemos que cada categoria geracional detém conhecimentos próprios, que devem ser valorizados e legitimados, independente do fato de que todos os sujeitos estão no processo contínuo de evolução humana e, comporão outras categorias geracionais com o passar do tempo.

Suficiente, para iniciar um processo de mudanças conceituais, seria considerar e respeitar a infância como categoria geracional competente, capaz de, à sua maneira singular e própria, (re) criar cultura (QVORTRUP, 2010). Ou ainda, poderíamos partir do princípio que geração é um tipo de identidade, abrangendo grupos etários, imbricados no processo histórico social (MANNHEIM, 1928), mas que “[...] o mesmo contexto social não afeta igualmente todos os indivíduos de um grupo de idade e vivência – classificados ou autoidentificados como geração – verifica-se que segmentos dessa geração podem assumir posturas e caminhos sociais diferentes ou até opostos” (BRITTO DA MOTTA, 2004, p. 351). Ou seja, uma geração não é superior ou inferior a outra e a transição de uma para outra ocorre de forma contínua, na medida em que a herança cultural da humanidade é repensada, recriada e transmitida. (MANNHEIM, 1928).

A partir disso, descreveremos a seguir, as sínteses dos referidos episódios, buscando evidenciar elementos de reflexão acerca da questão de pesquisa.

2 | O QUE DIZEM AS CRIANÇAS?

O propósito da nossa pesquisa foi, desde o início, ouvir o que as crianças têm a dizer, em suas diferentes formas de se comunicar. Durante séculos, as crianças permaneceram em um suposto silêncio, pelo menos aos olhos da ciência e de adultos que apostavam na supremacia de sua razão. Voltar o olhar da ciência e das diferentes áreas do conhecimento para a criança com o intuito de retirá-la da margem social, pode ser visto como um grande avanço. Reconhecer que a criança sabe o que diz e sabe muitas coisas, próprias de sua categoria geracional é um progresso para os estudos da infância e um novo elemento para as diferentes áreas de conhecimento.

Quando nos inserimos nos CMEIs de Ponta Grossa já possuíamos algumas impressões dessas instituições escolares porque acompanhamos nossos acadêmicos nos estágios de docência nelas. Através da percepção da criança,

nesse estudo, confirmamos algumas e refutamos outras dessas impressões.

O primeiro episódio apresentado nesse texto ocorreu no mês de setembro de 2016. A turma Infantil 3A do CMEI 2 estava cheia nesse dia e a proposta da professora era a retomada de conteúdos desenvolvidos durante a semana. Para isso, escolheu, como prática pedagógica, uma dinâmica que possibilitava às crianças relacionar as profissões estudadas com os objetos alocados numa caixa. As crianças estavam sentadas no tapete, a professora, com sua caixa azul metálica, cheia de objetos, chamava uma criança de cada vez para retirar um objeto e falar sobre ele. Vejamos um trecho da transcrição do vídeo dessa atividade:

Professora: Vem o "A" (referindo-se ao aluno intitulado aqui de A)

O "A" levanta-se e silenciosamente vai ao encontro da professora com a caixa. Retira um objeto.

Professora: O que que é isso "A"?

"J" (aluno intitulado aqui de J): Madeira

Professora: Não! Que que é isso? (Olhando para o "A")

"A": Fuladela (referindo-se a Furadeira de brinquedo que pegara).

Professora: Furadeira... pra que que serve?

"A": pa fura o chão

Professora: pra furar o chão ou a parede?

"A": a parede

Nesse momento a professora retira o objeto da mão do "A", que permanece em pé ao seu lado. Ela continua:

Professora: a parede né?!... quem será que usa isso?

"B" (aluno intitulado aqui de B): adulto!

Professora: adulto, o pai lá na casa, o marceneiro né?! O carpinteiro! Pra pregar as coisas lá na? Parede né? Quadro, o armário da cozinha!

E, vai colocando o objeto na mesa que está na sua direita. O "A" vai

se dirigindo ao lugar de origem no tapete e a professora chama outra criança. (Transcrição vídeo CMEI 2 – Turma Infantil 3A)

As crianças dessa turma possuíam 2 e 3 anos de idade. Elas estavam entusiasmadas com a organização da atividade, encantadas com as cores metálicas da caixa e curiosas com o conteúdo dela. As crianças que permaneciam sentadas interferiam com suas hipóteses e impressões, falando com e pelos colegas que estavam de pé com a posse do objeto.

Percebemos a intenção da professora em assegurar que sua prática pedagógica oportunizasse

A participação, o diálogo e a escuta cotidiana das famílias, o respeito e a valorização de suas formas de organização; O estabelecimento de uma relação efetiva com a comunidade local e de mecanismos que garantam a gestão democrática e a consideração dos saberes da comunidade” (BRASIL, 2010, p. 19).

Mas, ao conduzir a atividade, a professora foi rigorosa ao tentar conter e controlar a euforia das crianças. Ela mesma, com sua entonação de voz denotava querer conter o entusiasmo das crianças pelo desenvolvimento da estratégia.

Nessa atividade, observamos a perspectiva adultocêntrica, a ênfase da explicação da professora sobre cada um dos objetos da caixa e a rejeição da expressão, opinião e conhecimento das crianças. Entendemos que essa postura está pautada no modelo determinista da teoria sociológica tradicional, pelo qual a criança tem um papel passivo e representa uma ameaça indomada, devendo ser controlada por treinamento cuidadoso a fim de se tornar um membro competente e contribuinte (CORSARO, 2011).

Na mesma direção, Sarmiento (2011, p. 584) explica que:

Os adultos assumem o papel decisivo na determinação das condições de vida das crianças, não apenas por ser nesta geração que se encontram os detentores do poder político e social, mas também porque eles marcam a infância pela adoção de processos de administração simbólica das crianças (Sarmiento, 2004), através do exercício contínuo de um poder normativo, que se realiza tanto ao nível da produção de conteúdos significativos sobre o que é apropriado ou não para as crianças (por exemplo, a propósito das práticas de consumo, das horas de sair, das formas de saudação aos mais velhos, de hábitos legitimados ou proibidos), quanto na interação face a face e no desempenho dos seus papéis de pais, professores, formadores, funcionários das instituições que lidam com crianças, etc.

Ou seja, a postura autoritária e controladora, o poder normativo, definindo o que é admissível ou não para a criança, constitui a ação docente e permeia a prática pedagógica no caso aqui apresentado.

Na sequência da dinâmica, a professora pediu que as crianças sentassem

nas cadeiras, e encontrassem, nas revistas que estavam nas carteiras, figuras de pessoas envolvidas em atividades profissionais. O objetivo dessa atividade era avaliar o conhecimento das crianças sobre as profissões. Percebemos que a professora auxiliava as crianças na busca pelas imagens, questionando: “Tem alguém trabalhando aí nessa imagem?”. Apesar disso, as crianças dispersavam a atenção e se interessavam por figuras representativas de outros assuntos, como brinquedos, carros, bens de consumo, etc.

Em certo momento, o aluno “J” entendeu que havia encontrado a imagem adequada para a atividade e solicitou a avaliação da professora, como podemos observar no diálogo que segue:

“J” (aluno intitulado aqui de J): tem uma vaca tabalhando aqui.

Professora: é só gente trabalhando “J”.

“B” (aluno intitulado aqui de B): minha mãe não tá trabalhando.

Professora: mas não precisa ser a sua mãe! Não vai ter sua mãe aí no livro! É pessoa, outra pessoa.

(Transcrição vídeo CMEI 2 – Turma Infantil 3A).

Outra vez, percebemos a ação determinista do adulto frente às observações da criança. Nesse caso, a professora excluiu as possibilidades de debater o tema profissões a partir da lógica infantil. Ou seja, não considerou os “modos diferenciados de interpretação do mundo e de simbolização do real, que são constitutivos das culturas da infância [...]” (SARMENTO, 2005, p. 371). Entre o mundo imaginário e mundo real, típico da cultura da infância, a imagem da vaca trabalhando, revela para “J” seu entendimento sobre as relações de trabalho e as diferenças entre humanos e animais, ou ainda sobre as relações de poder estabelecidas entre as diferentes formas de vida e tantos outros entendimentos que poderiam ser alargados diante da sua constatação. Ao mesmo tempo, quando “B” lamenta a falta de trabalho de sua mãe, revela o quanto valoriza a função profissional dos adultos de sua família, demonstrando sua interpretação do mundo simbólico, reproduzindo e criando sentidos acerca do tema profissões. Nesse sentido, concordamos com Sarmento (2005, p. 373) quando afirma que “as crianças são competentes e têm capacidade de formularem interpretações da sociedade, dos outros e de si próprios, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos, de o fazerem de modo distinto e de o usarem para lidar com tudo o que as rodeia”.

A reprodução interpretativa, definida por Corsaro (2011, p. 31 e 32) como o termo que abarca

[...] aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade. [...] as crianças criam e participam de suas próprias e exclusivas culturas de pares quando selecionam ou se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para lidar com suas próprias e exclusivas preocupações. O termo reprodução inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudanças culturais,

nos faz compreender que as crianças são afetadas e afetam a estrutura social e a cultura. Reinterpretam elementos da cultura de outras categorias geracionais e criam suas próprias culturas, ao longo do processo histórico.

Nesse episódio, notamos que as crianças já haviam perdido o interesse em procurar imagens nas revistas e por isso se levantavam de suas cadeiras forjando finalidades diversas, mas com o verdadeiro intuito de encerrar aquela tarefa e desenvolver outras. Enquanto isso a professora insistia na execução da tarefa, tentando em vão, motivá-las. Percebemos que o tempo e a concentração daquelas crianças já não estavam aliados ao interesse pela atividade o que extinguiu o aspecto de ludicidade⁶.

A reflexão acerca da ausência da ludicidade também foi observada no episódio “O parque”, na categoria c) criança conduz do Infantil 5 A do CMEI 4. Esse episódio foi gravado em áudio durante uma visita monitorada com as crianças da referida turma.

De acordo com Martins e Garanhani (2011, p. 45), visita monitorada consiste

na visitação com apresentação oral, conduzida pelas crianças participantes da pesquisa, aos espaços investigados. Durante essa apresentação eles narram os espaços e, ao mesmo tempo, falam livremente sobre eles. Muitas vezes essas falas suscitam lembranças, desejos, sentimentos que são expressos pelas crianças e que, dependendo do objetivo da pesquisa, poderão ser uma importante fonte de dados.

Assim, as crianças conduzem a visita aos espaços que têm significados para elas. As pesquisadoras, nesse instrumento de produção de dados, são visitantes e as crianças anfitriãs, e revelam muito mais do que espaços físicos ou de infraestrutura.

Numa tarde ensolarada do mês de outubro de 2016, as crianças do Infantil 5 (com 4 e cinco anos), foram incentivadas a organizarem a visita monitorada pelo seu CMEI, para as pesquisadoras. Durante a roda de conversa inicial, definiram quais os espaços gostariam de visitar e significar. Assim, quando saímos da sala de aula, sob a organização das crianças, fomos conduzidas por alguns lugares (do CMEI) importantes para elas. Aqui, traremos a reflexão sobre o primeiro espaço que as crianças nos levaram naquela tarde – o parque de areia.

⁶ Ludicidade compreendido aqui como movimento interno e individual que leva o indivíduo ao envolvimento pleno da experiência. (LUCKESI, 1998).

As crianças estavam muito entusiasmadas e felizes! Identificamos o sentimento de empoderamento nelas ao criarem as regras, delimitarem o modo como deveríamos ir até os espaços escolhidos, coordenarem o tempo em cada espaço, etc. Além da autonomia evidente, percebemos que havia um sentimento de satisfação em estar no parque de areia. Como podemos observar no diálogo entre algumas crianças e uma pesquisadora:

Pesquisadora – Onde vocês estão me levando?

“B” – no lugar mais legal de todos...

“L” – é! A gente adora ir no parque, mas a profe não leva a gente...

“B” – leva só de vez em quando...

“V” – mas hoje nós que vamos levar

Várias crianças – ehhe!!!! E saíram correndo para dentro do parque. (Transcrição do áudio CMEI 4, turma Infantil 5 A).

O lugar mais legal de todos, de acordo com “B”, estava cheio de significados e sentidos implícitos, para além do que era visível. Certamente, os parques são espaços de ludicidade, liberdade e fruição, mas, para essas crianças, haviam outros motivos que o tornavam tão especial. Em conversa com o “G” pudemos entender isso

Pesquisadora – porque o parque é tão legal “G”?

“G” – Ah, porque aqui a gente pode brincar do que quiser... (pausa para observar as crianças correndo no parque). Porque a gente inventa nossas brincadeiras aqui.

Pesquisadora – vocês vêm sempre aqui?

“G” – a gente só vem quando a profe traz a gente, quando não tem outra turma aqui.

Pesquisadora – quanto foi a última vez que vieram?

“G” – não me lembro, não sei dizer que dia foi, mas faz bastante tempo que a gente não vem brincar aqui! (Transcrição do áudio do CMEI 4, turma Infantil 5 A).

O que “G” nos diz, em sua lógica infantil é o mesmo que Brougère (2006, p. 99) nos explica quando fala da importância das brincadeiras:

A brincadeira é uma mutação do sentido da realidade: as coisas aí tornam-se outras. É um espaço à margem da vida comum, que obedece a regras criadas pela circunstância. Os objetos, no caso, podem ser diferentes daquilo que aparentam. Entretanto, os comportamentos são idênticos aos da vida cotidiana.

Enquanto brinca, a criança cria elementos culturais, reinterpreta aspectos do comportamento social, reinventa soluções para questões cotidianas. “O brincar tem relações diretas com a capacidade de abstração e de expressão, pois brincar é, entre outras coisas, uma forma de representar e recriar a realidade”. (SPREA, 2010, p. 32).

Brincar no parque de areia significa, para essas crianças, tomar à mão a condução das relações entre seus pares, controlar as decisões, inventar situações, exercer uma tarefa séria de reorganizar pensamentos e ações. Nessa direção, Sarmiento (2004, p. 25) nos diz que “entre brincar e fazer coisas sérias não há distinção, sendo o brincar muito do que as crianças fazem de mais sério”.

O que “G” insinua é que os momentos de parque são escassos para sua turma. Segundo ele, só vão ao parque quando não há outras turmas lá, ou seja, o Infantil 5 não tem prioridade na escala de utilização do parque. Imaginamos que isso ocorra pela demanda curricular agregada ao último ano da Educação Infantil (as turmas de Infantil 5). Sem discutir o mérito dessa questão, acreditamos que, independente do que se deseja ensinar ou aprender, “o brincar é a condição da aprendizagem e, desde logo, da aprendizagem da sociabilidade” (SARMENTO, 2004, p.16). Ou seja, a ludicidade, o envolvimento pleno na experiência, oportuniza aprendizagens significativas.

No terceiro episódio apresentado nesse texto, “Vamos brincar de roda” categorizado como: a) pesquisadora conduz, com o Infantil 4B do CMEI 3, percebemos que a ludicidade reorienta o tempo de estar na escola.

Numa tarde do mês de outubro de 2016, por ocasião da semana da criança, as gestoras do CMEI 3 solicitaram nossa ajuda para organizar brincadeiras dirigidas, no momento de pátio⁷, com as crianças. A turma do Infantil 4B, contava com a presença de vinte crianças de três e quatro anos de idade, naquele dia. Após pesarmos sobre o que propor, decidimos fazer brincadeiras de roda. Assim, preparamos: Roda Cotia, A canoa Virou, Ciranda Cirandinha e Esquindô-le-le. Entendemos que “Os adultos detêm também um papel fundamental na perpetuação de inúmeras brincadeiras, sobretudo daquelas que fizeram parte de sua infância e que, por razões afetivas, são mais fáceis de serem apresentadas aos seus filhos e alunos” (SPREA, 2010, p. 49) e por isso escolhemos realizar as brincadeiras de roda.

⁷ Momento de pátio se refere a uma organização desse CMEI, em reunir todas as turmas no grande pátio da instituição, por uma hora, no período vespertino, a fim de promover a convivência, a brincadeira e a comemoração da semana da criança.

Iniciamos, brincando de A canoa Virou. Conosco, haviam quatro crianças na roda. Mas, na medida em que brincávamos, mais crianças se inseriam, de modo que ao final do momento de pátio, quase todas as crianças brincavam conosco.

“Ah! Já acabou? Vamos brincar mais!”, comentou “T”, na hora de voltar para a sala de aula. Percebemos que o tempo foi mensurado pelo envolvimento nas brincadeiras e pelas relações que as crianças criaram entre si e conosco. A qualidade das relações que fazemos na escola dimensiona o tempo que passamos nela.

Nas narrativas, as crianças demonstram ter bem delimitada a compreensão dos tempos vividos em casa e aqueles vividos na escola. O tempo em casa é apresentado como tempo de brincar, de passear, de estabelecer relações com a comunidade – ir às compras, ir ao médico, visitar familiares, ir ao parque da cidade, viver momentos de fruição. O tempo da escola é o tempo de “aprender muitas coisas” e está associado aos tempos de rotina, aos horários pré-estabelecidos. Representa, também, de forma mais explícita, o tempo de obedecer as regras estabelecidas, das negações, das muitas coisas que não podem fazer e ser. Na escola, tempo e espaço se inscrevem nas relações de poder e são ditados pelos adultos, levando em conta outros fatores que vão além das necessidades da criança.

Ponderamos que a criança, de zero a cinco anos, passa a maior parte do seu tempo em instituições escolares. Daí a necessidade de refletirmos sobre o tempo e espaço da Educação Infantil, repensando sua organização de forma a colaborar com a cultura infantil dentro dessas instituições.

Segundo Barbosa e Horn (2001, p. 67) é possível afirmar que

Organizar o cotidiano das crianças da Educação Infantil pressupõe pensar que o estabelecimento de uma sequência básica de atividades diárias é, antes de mais nada, o resultado da leitura que fazemos do nosso grupo de crianças, a partir, principalmente, de suas necessidades. É importante que o educador observe o que as crianças brincam, como estas brincadeiras se desenvolvem, o que mais gostam de fazer, em que espaços preferem ficar, o que lhes chama mais atenção, em que momentos do dia estão mais tranquilos ou mais agitados. Este conhecimento é fundamental para que a estruturação espaço-temporal tenha significado. Ao lado disto, também é importante considerar o contexto sociocultural no qual se insere e a proposta pedagógica da instituição, que deverão lhe dar suporte. (BARBOSA; HORN, 2001, p. 67).

Ou seja, o tempo e os espaços da Educação Infantil necessitam ser organizados a partir do olhar sensível do adulto que compreende a especificidades da cultura da infância. Assim, na medida em que a criança passa a maior parte do seu tempo em instituições de Educação Infantil, é essencial que suas práticas, tempos e espaços sejam favorecedoras de condições para interpretação, reprodução

e criação de cultura infantil, lócus da ação, da voz e da ação social da criança.

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo exploratório, realizado em quatro CMEIs de Ponta Grossa – Paraná nos permitiu tecer algumas reflexões acerca da ação social das crianças em seus contextos escolares. A partir de suas falas, diferentes maneiras de comunicação e expressão, observamos as práticas pedagógicas, os tempos e espaços das escolas de Educação Infantil à luz da sociologia da Infância.

Os episódios descritos aqui (Dinâmica das profissões; O parque; Vamos brincar de roda) revelaram elementos importantes para pensar concepção sobre a criança no universo adulto e, concomitantemente, na escola.

Ao longo do texto, observamos a ênfase adultocentrismo na relação professora e alunos. Essa postura revela um entendimento de criança e de infâncias pautado no modelo determinista, que entende a criança como um sujeito em devir, com incompletudes e incapacidades no modo de pensar e agir, imputando às instituições sociais capacitá-los, imputá-los valores morais e éticos, para que se tornem sujeitos sociais.

Acreditamos que avanços relativos a essa concepção são necessários, mas, compreendemos que para alterarmos uma formulação conceitual devemos passar por um processo de transformação interior e individual, gerenciado, dentre outros, pelos conhecimentos adquiridos nas experiências ao longo da vida, de tal forma que, ao serem interiorizados, alteram os conceitos arraigados em nós intrinsecamente. Assim, acreditamos que é necessário um processo de transformação e ressignificação da infância em cada sujeito adulto. Com esse processo de ressignificação da infância e a alteração dos conceitos interiorizados em cada sujeito social é possível pensar nas transformações das ações docentes, bem como na organização da escola como um todo. Concordamos com Sarmiento (2005, p. 374) quando diz que isso “impõe um trabalho de desconstrução de muitas das bases teóricas com que as crianças foram sistematicamente tematizadas nas ciências sociais” (SARMIENTO, 2005, p. 374).

Uma maneira ressignificar a infância na escola é compreender as peculiaridades infantis, as “gramáticas das culturas da infância”, isto é, “os princípios de estruturação do sentido que lhe são característicos”, propostas por Sarmiento (2005, p. 374). Com esse entendimento, admitimos que a criança possui modos próprios de ser e estar no mundo e que esses modos são diferentes da lógica adulta. Um exemplo das características específicas das crianças é a ludicidade. Percebemos, nos episódios tratados nesse texto, que a ludicidade permeia a as linguagens e expressões das crianças. Através da ludicidade as crianças se

relacionam, aprendem, recriam culturas, etc.

A ludicidade permite transitar entre o mundo simbólico (imaginário) e o mundo real, fundindo os tempos: passado, presente e futuro “numa recursividade temporal e numa reiteração de oportunidades que é muito própria da sua capacidade de transposição no espaço-tempo e de fusão do real com o imaginário” (SARMENTO, 2005, p. 375).

Se compreendermos as especificidades das culturas da infância e valorizarmos suas gramáticas próprias, assumindo-as como válidas, estaremos mais próximos de transformar internamente o conceito de infância. Dessa forma, a criança passará de sujeito passivo, de indivíduo devir, receptora de cultura para assumir seu papel na sociedade, de sujeito criativo, competente e criador de cultura.

REFERÊNCIAS

ARENHART, D; SILVA, M. R. da. Entre a favela e o castelo: infância, desigualdades sociais e escolares. In: **Cadernos Ceru**, v. 25, n. 1, p. 59-82, 2014.

BARBOSA, M. C. S.; HORN, M. G. S. Organização do espaço e do tempo na escola infantil. In: CRAIDY, C.; KAERCHER, G. E. **Educação Infantil**. Pra que te quero? Porto Alegre: Artmed, 2001, p. 61-79.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Secretaria de Educação Básica, Brasília: MEC, SEB, 2010.

BRITTO DA MOTTA, Alda. Gênero, idades e gerações. In: BRITTO DA MOTTA, A. (Org.) **Caderno CRH**. Dossiê: Gênero, idade, gerações – UFBA, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Centro Recursos Humanos, Salvador/BA, v.17, n. 42, set./dez., p. 349-355, 2004.

BROUGÈRE, Gilles. **Brinquedo e Cultura**. São Paulo: Ed. Cortez, 2006.

CORSARO, W. **Sociologia da Infância**. Tradução de Lia Gabriele Regius Reis. Porto Alegre: Artmed, 2011.

LUCKESI, C.C. Desenvolvimento dos estados de consciência e ludicidade. **Cadernos de Pesquisa do Núcleo de FAGED/UFBA**, v. 2, n.21, p. 9-25, 1998.

MANNHEIM, Karl. O problema das gerações. Tradução: Maria da Graça Barbedo. In: MANNHEIM, KARL. **Sociologia do conhecimento**, Vol. II, Porto: RES-Editora, p. 115-176, 1928.

MARTINS, R. C.; GARANHANI, M. C. A organização do espaço na educação infantil: o que contam as crianças? **Revista Diálogo Educacional**, Curitiba, v. 11, n. 32, jan./abr., p. 37-56, 2011.

PROUT, A. Reconsiderando a nova sociologia da infância. Tradução Fátima Murad. **Cadernos de Pesquisa**, v.40, n.141, set./dez, p 730 -750. 2010

PROUT, A.; JAMES, A. Introduction e A New Paradigma for the Sociology of Childhood? Provenance, promise and problems. 2ª ed. In: JAMES, Allison; PROUT, Alan. **Constructing and Reconstructing Childhood**. London and New York: Routledge, 2010.

QVORTRUP, Jens. A infância enquanto categoria estrutural. In: **Educação e Pesquisa**, vol.36, n.2, 2010, p.631-644.

SARMENTO, J. M. A Reinvenção do ofício de criança e de aluno. **Atos de Pesquisa em educação - PPGE/ME FURB**, Blumenau – SC, v. 6, n. 3, set./dez, p. 581-602, 2011.

SARMENTO, J. M. As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da Segunda Modernidade In: SARMENTO, Manuel Jacinto; CERISARA, AnaBeatriz. **Crianças e Miúdos: Perspectivas Sociopedagógicas da Infância e Educação**. Porto: Ed. ASA, 2004.

SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogações a partir da sociologia da infância. **Educação & Sociedade**. Campinas, São Paulo, v. 26, n. 91, mai./ago., p. 361-378, 2005.

SPREA, N. E. **A invenção das brincadeiras**: Um estudo sobre a produção das culturas infantis nos recreios de escolas em Curitiba. 2010, 328 f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em educação), PPGE UFPR: Curitiba - PR, 2010.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Acolhimento 14, 16, 17, 86, 100

Afeto 16, 17, 18, 22, 23, 24, 25, 26, 29, 30

Aluno 1, 14, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 31, 32, 35, 36, 42, 44, 51, 61, 62, 63, 64, 86, 87, 88, 90, 91, 92, 94, 105, 107, 111, 117, 120, 141, 148, 149, 156, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 170, 171, 172, 185, 192, 196, 199, 200, 201, 202, 203, 206, 207, 211, 212, 213, 214

Amartya Sen 66, 81, 83

Anatomia humana 52, 55, 56, 58, 59, 60

Anos iniciais 152, 153, 154, 158

Aprendizagem 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 25, 26, 27, 29, 30, 31, 33, 34, 35, 47, 52, 56, 57, 58, 60, 61, 62, 64, 89, 93, 102, 107, 108, 111, 113, 114, 121, 131, 138, 155, 158, 159, 160, 161, 163, 164, 167, 168, 170, 172, 173, 174, 176, 180, 181, 182, 184, 188, 195, 196, 197, 199, 200, 202, 203, 207, 209, 210, 211, 213, 214, 215, 216, 217, 218, 220

Aprendizagem significativa 31

Atendimento educacional especializado 31, 32, 61, 62, 84, 85, 87, 88, 90, 94, 95, 160, 162, 165, 173, 174

Autismo 61, 64, 88, 90

Avaliação sistêmica 184, 185

Axiomas 102, 103, 104, 105, 107

B

Baixa tecnologia assistiva 160, 161, 163, 164, 166, 171, 172

Baleia azul 136, 137, 138, 144, 145, 147, 149, 150, 151

Bullying 136, 137, 138, 140, 141, 142, 144, 149, 150, 151

C

Competência comunicativa oral 110, 112, 114, 115, 116, 117, 121, 122

Contemporaneidade 126, 127, 129, 132, 133, 146, 149

Cultura 1, 2, 3, 4, 5, 6, 21, 33, 36, 41, 44, 45, 48, 49, 50, 70, 75, 95, 96, 98, 99, 100, 113, 126, 127, 128, 134, 138, 140, 155, 173, 174, 179, 182, 190, 200, 203, 205, 206, 207, 221

D

Deficiência intelectual 90, 160, 161, 163, 164, 165, 166, 167, 170, 172, 173, 174

Democracia 77, 83, 96, 97, 98, 99, 100, 199

Desenvolvimento 7, 9, 12, 13, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 27, 29, 30, 32, 33, 43, 50, 52, 53, 65, 66, 68, 69, 70, 72, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 82, 83, 84, 85, 86, 88, 89, 91, 92, 93, 95, 96, 97, 99, 102, 106, 110, 112, 113, 114, 115, 116, 118, 120, 121, 129, 130, 132, 136, 137, 138, 139, 152, 155, 159, 160, 161, 163, 165, 169, 172, 173, 174, 175, 176, 181, 182, 188, 194, 195, 196, 199, 200, 201, 202, 206, 207, 209, 210, 211, 212, 213, 214, 216, 217, 218, 219, 220, 221

Desenvolvimento sustentável 65, 76, 77, 80, 81, 83

Direitos humanos 77, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 140, 141, 149, 151, 173, 219

Discurso 32, 111, 114, 117, 118, 126, 133, 175, 176, 177, 178, 179, 181, 182, 183, 191

E

Ecologia 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 73, 74, 76, 81, 83, 211, 219

Educação 1, 6, 9, 13, 14, 15, 17, 18, 22, 23, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 47, 48, 49, 50, 51, 53, 55, 59, 60, 64, 65, 66, 73, 76, 78, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 107, 108, 109, 110, 116, 118, 122, 123, 126, 128, 129, 134, 135, 136, 138, 139, 140, 142, 147, 149, 151, 154, 159, 160, 161, 162, 163, 164, 167, 172, 173, 174, 175, 176, 178, 179, 180, 181, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 188, 190, 191, 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199, 200, 201, 202, 207, 209, 210, 211, 219, 221

Educação inclusiva 32, 35, 36, 64, 84, 86, 87, 88, 89, 94, 160, 161, 162, 164, 173

Educação infantil 37, 38, 39, 40, 47, 48, 49, 50, 90, 154, 167

Educação jurídica 192, 193, 194, 195, 197, 198, 199

Empresarialismo 175, 176

Enfermagem 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 52, 59, 131, 134, 135

Ensino de ciências 152, 153, 154, 155, 159

Ensino médio integrado 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Estado 27, 70, 79, 80, 85, 90, 96, 98, 99, 100, 138, 160, 174, 176, 179, 184, 185, 186, 188, 190, 195, 198, 209, 210, 221

Estereótipo 1, 2, 3, 5

Estratégia 7, 10, 11, 33, 43, 61, 62, 115, 164, 171, 179, 200, 202, 203, 205, 207, 213

Estudantes da saúde 52

Ética responsável 65, 66

Expressão oral 110, 112, 115, 116, 120, 121, 123

F

Fala das crianças 37

Formação continuada 33, 152, 153, 154, 156, 157, 159, 179, 180, 182

G

Geometria 102, 103, 105, 106, 107, 108, 109

Gerencialismo escolar 175, 180, 182

I

Indígena 1, 2, 3, 4, 5, 6

Interação 21, 22, 34, 35, 72, 110, 112, 113, 114, 117, 122, 147, 158, 172, 177, 196, 203, 207, 209, 210, 212, 213

Interação social 21, 110, 112

J

Jogos 27, 31, 33, 34, 35, 144, 147, 149, 150, 161, 167

L

Louvado sejam 65, 66, 67, 76, 81

M

Matemática 31, 33, 35, 60, 64, 102, 104, 105, 106, 108, 109, 114, 153, 171, 187, 188, 221

Metodologias ativas 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 194, 195

Monitoria 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15

O

Origami 102, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 109

P

Peças naturais 52, 54, 55, 56, 57

Pedagogia 25, 27, 36, 38, 61, 62, 64, 90, 101, 152, 153

Pedagogia visual 61, 62, 64

Políticas educacionais 96, 176, 179, 182, 184, 185, 186, 187, 188, 189, 190, 191

Prática pedagógica 9, 25, 30, 37, 38, 40, 42, 43, 161, 163, 172

ProfEPT 192, 193

Professor 1, 2, 8, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 26, 28, 29, 84, 85, 89, 90, 91, 92, 93, 98, 102, 106, 107, 108, 111, 114, 132, 148, 153, 155, 156, 157, 158, 160, 161, 162, 163, 164, 172, 174, 181, 187, 203, 213, 221

Programa de intervenção didática 110

R

Reformas educativas 184

S

Sala de recursos multifuncionais 84, 85, 86, 88, 89, 90, 91, 92, 93, 94, 160, 167

Sequências didáticas 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199

Sofrimento psíquico 126, 129, 131, 133, 134, 135

Suicídio 136, 137, 138, 141, 143, 144, 145, 148, 149, 150, 151

Surdez 61





T

Tempo e espaço 37, 40, 48, 165, 169

Transformação digital 200, 203, 204, 205, 206, 207




EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

5

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

EDUCAÇÃO: AGREGANDO, INCLUINDO E ALMEJANDO OPORTUNIDADES

5

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br